

Viagem com um Regatão

Julio Cezar Melatti

Publicado em *Somanlu – Revista de Estudos Amazônicos*, ano 6, nº 2, pp. 9-34. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA), 2006. *Somanlu* é periódico do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da UFAM.

Tabela inicial

Lista dos artigos

O estrito controle de cursos inteiros ou longos trechos de rios por poderosos seringalistas e casas comerciais do auge da exploração da borracha há muito desapareceu. Entretanto acredito que naqueles municípios amazônicos de grande extensão que têm um rio e seus afluentes como sua única via interna de transporte, que liga sua sede urbana a dispersos moradores do sertão, os regatões ainda podem tecer suas redes, embora mais frouxas e esgarçadas, do tradicional sistema de aviamento.

Por isso talvez não seja totalmente fora de propósito lembrar aqui a viagem que fiz com um desses comerciantes embarcados há quase trinta anos, uma experiência que sempre me sugeriu, sem que eu nunca viesse a realizá-la, ou estimular alguém a fazê-la, uma etnografia a partir do barco do regatão. Acredito que, em qualquer pequena região onde ainda puder ser levada a termo, proporcionará um sugestivo levantamento inicial dos seus aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos. Aliás, esse procedimento não constitui nenhuma novidade: Adélia Engrácia de Oliveira, autora de um artigo sobre a decadência do sistema de aviamento no rio Negro (Oliveira, 1981), transcreve num trabalho anterior um trecho das notas de campo de Eduardo Galvão, de 1951, em que ele comenta observações feitas a bordo de uma embarcação da empresa J.G. de Araújo, no mesmo rio (Oliveira, 1975, pp. 13-15).

Em setembro de 1978 eu estava no Posto Indígena de Atração (PIA) Curuçá, na bacia do rio Javari, terminando uma etapa de pesquisa entre os índios marubos, junto com a antropóloga Delvair Montagner (então também minha esposa). Havíamos chegado a este Posto um mês antes, descendo o rio Curuçá desde o alto curso, por cinco dias, numa canoa, junto com uma família indígena. Fazer o mesmo trajeto de volta seria penoso, pois implicava em subir o rio, a força de remos, e depois caminhar por dois dias num varadouro para o rio Ituí, e aí aguardar a oportunidade de um dos raros vôos a partir do campo de pouso dos missionários.

Foi então que no dia 5 de setembro chegou um regatão ao Posto. E dois dias depois partíamos em seu barco, descendo o rio. Durante a descida tomei notas do que ia vendo e ouvindo, de modo bastante relaxado e sem dar a mesma atenção a tudo o que se me apresentava.

A embarcação

Um exemplo disso é que não encontro nas minhas notas nenhuma descrição do barco. E nem uma foto. Talvez o estoque de filmes tivesse terminado. Era, como se diz na região, um motor de centro, e tinha o nome de “Pires II”. Confiado apenas na memória,

penso que seu casco teria uns oito metros de comprimento por uns três na parte mais larga. Tinha um teto que só deixava de fora a ponta da proa e o tablado que se projetava da proa para trás, recobrando o leme. Não tinha paredes laterais, exceto na pequena loja do regatão e na privada.

O motor que impulsionava o barco ficava a maior distância da proa do que da popa e estava assentado em um nível mais baixo do que o assoalho.

A loja do regatão ficava à frente do motor e encostada a bombordo. Deixava uma passagem livre a estibordo, comunicando a proa à popa. Sua porta ficava nesse corredor. Somente o regatão nela entrava e já não me lembro se era aí dentro que também dormia. As mercadorias menores, e talvez as mais valiosas, nela eram guardadas, uma parte exposta em prateleiras. Tinha uma janela larga, voltada para a proa, e uma tábua lhe servia de peitoril e de balcão. O tapume que a fechava era preso por dobradiças na parte de cima, que modo a ser girado para o alto e preso ao teto na hora de atender os fregueses.

O timão estava bem na frente do barco, mas ainda coberto pelo teto. No espaço entre o timão e a loja eram recebidos os fregueses. Aí estava também uma balança romana para pesar as pélas de borracha. E era aí que eu tinha a rede de dormir.

A privada estava ao lado do motor, a bombordo, com espaço suficiente apenas para o vaso sanitário e para manter presa no chão uma tartaruga viva. Quem naquele se sentava forçosamente tinha de pôr o pés sobre o casco desta.

Na popa ficava um fogãozinho de uma ou duas bocas, talvez a gás, não me lembro. O tablado que recobria o leme era usado como mesa para o preparo dos alimentos e mesa de refeições.

Sobre o teto ficavam os barris de combustol (óleo diesel) para alimentar o motor. Havia também um cercado para galinhas.

A tripulação

O regatão, José Rodrigues Pires, conhecido pelo apelido de José Filó, era um senhor de seus sessenta anos. Cuidava do timão o rapaz Valdeci, por isso chamado de piloto. Raimundo, um pouco mais velho, era o motorista, isto é, aquele que cuidava do motor, abastecendo-o, ligando-o, trocando as marchas. Embora não me lembre mais dele, havia também um menino, vagamente referido em minhas notas e que talvez tivesse o apelido de Bico. Pelo teto, do timão até o motor, se estendia um cordel, ligado a um sino. Por um código constituído pelo número de pancadas, o piloto pedia ao motorista as trocas de marcha, a marcha a ré ou a parada total da máquina, sobretudo nas manobras de aproximação ou de saída de um “porto”, aqui entendido como qualquer ponto da margem que desse acesso a uma habitação.

Quando o motorista não estava ocupado com o motor, passava à atividade de cozinheiro, preparando as refeições. Nas paradas, às vezes eram o piloto e o motorista que iam buscar a péla na casa do seringueiro, que se erguia no alto dos barrancos, não raro acentuados, das margens. Eram então referidos pelos fregueses como “marinheiros”. Realizavam também outras atividades. Numa parada, um deles saiu para caçar. Noutra, antes de deixarmos o local do pernoite, o piloto saiu para pescar. Em ambos os casos, o menino foi junto.

Não me ocorreu perguntar se, além do cuidado do barco, outras relações, como as de parentesco ou compadrio, uniam os membros da tripulação.

José Filó tinha filhas que, segundo ele, nunca lhe deram despesa, a não ser enquanto estudaram. Já dos filhos não podia dizer a mesma coisa; tivera sociedade com um deles mais de uma vez; mas agora estava em sociedade com o outro, que tinha curso de veterinária incompleto feito em Belo Horizonte. Lembro-me do regatão a mostrar-me a foto de sua nova esposa, bem mais jovem que ele. Raimundo tinha um filho trabalhando na seringa numa colocação em que paramos, no seringal São Bento. Já não me recordo se foi Raimundo ou o regatão que também me mostrou a foto de um filho falecido, no ataúde.

O trajeto

A viagem com José Filó, do PIA Curuçá até o seringal Santo Eusébio, rio Javari, durou nove dias, de 7 a 15 de setembro. Descemos o rio Curuçá, passamos pela foz de seu principal afluente, o Pardo, entramos no Javari e continuamos a descer até o referido seringal. Neste ponto deixamos o barco porque o regatão iria se demorar num afluente do Javari, logo abaixo, chamado Irari, onde tinha seringal próprio, a fazer as transações com os seringueiros ali colocados. Fretamos, então, o barco de um outro regatão, Alcino, para nos levar diretamente a Atalaia Norte, aonde chegamos no dia 17.



O barco de José Filó parou em 58 colocações. Dá-se o nome de colocação ao local onde se ergue uma ou mais habitações de seringueiros ou madeireiros, que servem de base a seu trabalho de extração florestal. Estávamos no final do estio, ou seja, no encerramento das atividades de extração da borracha. Por isso, era a borracha o produto que José Filó mais embarcava. Tive a impressão que José Filó aceitava qualquer quantidade que o seringueiro tivesse disponível, muita ou pouca, defumada ou sernambi (resto de látex não defumado). Nas condições em que estava sendo feita a viagem, se ele não aceitasse, outro regatão o faria. Em determinadas paradas, o regatão esperou o seringueiro completar a volta na estrada e defumar a borracha. Por isso, as paradas eram breves ou longas. Provavelmente ele já tinha feito paradas também na subida em direção ao Posto Indígena, aproveitando o que os seringueiros tinham a oferecer. Todas as noites o barco parou para dormirmos, menos na que precedeu o último dia de viagem.

Reivindicações do regatão

No primeiro dia de viagem, José Filó justificou sua presença ali mostrando-me um contrato de arrendamento que fez em cartório com o proprietário do seringal Curuçá, João

Barbosa Filho, que morava em Manaus. O seringal, que teria 22 km², limitava-se ao sul com o seringal Douro. Segundo o regatão, este limite seria marcado pelo igarapé São Salvador, que desemboca na margem direita do Curuçá pouco abaixo do Posto Indígena. O limite ocidental do seringal que arrendara estaria na margem direita do rio Curuçá. O contrato deveria vigorar até 1980, para madeira e borracha, em troca de 10% da produção. Entretanto, como o comerciante Magalhães, de Benjamin Constant, por intermédio de seu aviado ou empregado Oscar Gomes, tinha colocado seringueiros para trabalhar no seringal que ele arrendara, José Filó tinha vindo cobrar destes os 10% da produção que ele teria de pagar ao proprietário. Aos seringueiros de uma colocação José Filó explicou que não viria mais cobrar-lhes a renda se Magalhães ou Gomes a pagassem eles próprios. Um dos seringueiros retrucou que, já que José Filó era o verdadeiro arrendatário, eles queriam trabalhar para ele. Filó porém lhes respondeu que aqueles não iriam aceitar, por terem sido quem os tinha colocado ali. No ano seguinte, ele é que lhes viria fornecer as mercadorias.

Apesar de o seringal arrendado ter seu limite na margem direita do rio, José Filó não via nenhum impedimento em comerciar também com a margem esquerda e nem de fazê-lo além de seu limite sul, pois chegara até o Posto Indígena.

Entretanto, no dia seguinte apareceu o gerente do Magalhães, chamado Amazonas, que conferenciou longamente com José Filó, sem que eu saiba a que acordo teriam chegado. Na tarde do mesmo dia, um dos “marinheiros” explicou a Delvair que a taxa do arrendamento seria cobrada em futura viagem de José Filó; agora ele iria apenas dando o aviso.

Após ultrapassarmos a confluência com o rio Pardo, no terceiro dia de viagem, a atitude de José Filó sofreu uma mudança. É que o Magalhães tinha arrendado o seringal Pardo, que se estendia desde algum ponto no interior deste rio até sua desembocadura e continuava rio Curuçá abaixo até o igarapé Flecheira. Logo na primeira colocação abaixo da foz do Pardo, um seringueiro negociou com José Filó uma péla de 33 quilos, pois sentira-se na obrigação de fazê-lo porque certa vez o regatão o socorrera com remédio para um menino doente. O seringueiro perguntou-lhe se o Banco da Amazônia lhe permitia comerciar ali. José Filó respondeu que nem o Banco e nem ninguém podia impedir-lhe a vinda, pois as águas são livres.

O princípio das águas livres, que José Filó invocava agora que não estava mais no seringal arrendado por ele, deve ser a interpretação regional de alguma medida legal cuja história ignoro, mas que certamente representou uma conquista para os trabalhadores extrativistas. José Filó iria me contar dias depois que no tempo de um governador do Amazonas chamado Prim é que os rios foram abertos. Antes, na época de donos de seringais como José Veiga e Barbosa, eles eram fechados. No passado todo o Curuçá pertencera a estes dois. Estávamos então na altura do seringal São Bento e José Filó, ao parar numa colocação, contou que numa reunião do Banco da Amazônia declarou que ia comprar borracha ali porque os seringueiros deviam a ele. E explicou ao seringueiro que Albertino não era o arrendatário daquele seringal, cujo dono era José Veiga; apenas tomava conta para ele. E mais: um dia o Exército se danaria e tomaria tudo aquilo, porque era área de fronteira. E disse que nos cinco seringais que ele, José Filó, tinha no Javari, todo o mundo comprava. As palavras de José Filó tiveram um reforço do próprio seringueiro, que reconheceu que fora ele quem o colocara ali, onde estávamos.

Ainda a propósito da abertura dos rios, lembro-me que numa outra ocasião, em outro lugar, o brasileiro Mário Paulo de Oliveira, apelidado Mário Peruano, casado com uma mulher marubo, me contou que fora o Exército que tinha libertado as águas.

Apesar do argumento da liberdade das águas, José Filó não estava totalmente à vontade nos seringais arrendados por outros. Por exemplo, na tarde do dia seguinte (13 de setembro), quando estávamos numa colocação mais abaixo, ainda do seringal São Bento, chegou Gilson, genro de Albertino, que José Filó negara ser arrendatário do seringal. Alguns seringueiros, com medo dele, apressaram-se a sair do barco de José Filó. Gilson conversou com José Filó sobre a possibilidade de assumir as contas dos seringueiros, mas acabou concluindo que, para pagá-las precisaria de um paneiro cheio de dinheiro.

A mesma situação ambígua tinha sido vivida mais acima, ao longo do percurso pelo seringal Pardo. Na colocação do Pantoja, abaixo da foz do rio Pardo, em cujo “porto” pernoitamos de 9 para 10 de setembro, encontramos o gerente Amazonas numa alvarenga, à espera de um motor que estaria subindo. José Filó aí fez transações e conversou durante horas com o gerente. Entretanto, ao pararmos numa colocação uma hora e dez minutos mais abaixo, José Filó pediu que não houvesse demora, porque não queria se encontrar com o Amazonas ali. Um dos seringueiros argumentou que devia a José Filó e ninguém podia impedir de pagar-lhe. Porém, da terceira colocação em que parou na manhã daquele dia, o barco de José Filó saiu apressadamente por causa da chegada do Amazonas.

Não tive oportunidade de observar um terceiro tipo de situação, aquela em que o dono do seringal era o próprio regatão. Era o caso do rio Irari, tributário da margem direita do baixo Javari. Dos cinco seringais do Javari a que José Filó se referira como seus, um ou mais, quiçá todos, estavam neste afluente. Entretanto, ele nos deixou no seringal Santo Eusébio, acima da boca do Irari, alegando que neste iria demorar muito tempo.

Seringais percorridos

José Filó tinha subido até o Posto Indígena Curuçá, que estaria no seringal Douro, ou na margem fronteira a ele, pois situava-se acima do igarapé São Salvador. Ele fez várias transações com os índios marubos, que tinham suas estradas de seringa. Comprou deles também bananas e couros de gato maracajá. E talvez vasos de cerâmica: o elegante *chomo* marubo, deformado pelo aumento de seu volume, achatamento de sua base e alargamento de seu gargalo para aproximar-se da forma dos potes d’água usados nas casas de seringueiros. Não observei todas as transações, pois ainda estava fazendo minhas últimas anotações com os marubos.

A partir do igarapé São Salvador, entrou no seringal Curuçá, à margem direita, que era o que arrendara. Até o igarapé Todos os Santos, mais abaixo, eram colocações dos culinhas-panos, também atendidos pelo mesmo Posto de onde saíramos. Só parou na colocação do indígena Pedro, mas não na de João Culina. Do Todos os Santos até a foz do Pardo parou em mais oito colocações, três delas na margem esquerda, logo fora do dito seringal.

Depois entrou no seringal Pardo, a partir da foz do rio que lhe dava nome, que era propriedade de Sabbá, arrendado por Magalhães e aos cuidados de Oscar Gomes e do gerente Amazonas. Parou em dez colocações, em uma e outra margem. Numa delas os ocupantes estavam ausentes.

No igarapé Flecheira, alcançamos o seringal Canamã, em ambas as margens do rio Curuçá, também de propriedade de Sabbá, que comprara vários seringais em leilões do Banco do Amazônia, hipotecados e cujos donos não haviam pagado as dívidas. Estava arrendado a Militão. O barco parou em cinco colocações, a primeira ainda acima do igarapé Flecheira.

Abaixo do igarapé Esperança começava o seringal São Sebastião, cujo dono, também o Sabbá, o arrendava a Natalino. José Filó parou em seis colocações.

Nos igarapés Dois Irmãos, que correm paralelos e desembocam na margem direita do Curuçá, tinha início o seringal São Bento. Era de José Veiga, que o arrendava a Albertino.

Duas horas e meia abaixo do igarapé Sacudido, um lago na margem esquerda marcava o limite entre o seringal São Bento e o Santa Maria, que ia até a foz do rio Curuçá. Pertencia então ao Sabbá, mas fora antes do Barbosa. O arrendatário era o Natalino, disse-me, provavelmente o José Filó, mas o piloto Valdeci discordou, dizendo que era o Nego Assis. O barco parou em nove colocações. Antes de passar por elas, pernoitamos (de 13 para 14 de setembro) junto a dois barcos de pescadores. Um deles tinha um curral ao lado de seu barco, onde guardava jacarés vivos para o Magalhães.

Após sair do rio Curuçá, o barco ainda parou em sete colocações no rio Javari, antes de chegar ao seringal Santo Eusébio.

Enfim, durante minha viagem no barco de José Filó, este visitou, fazendo negócios, 58 colocações. O número conferia com uma informação que ele me dera durante a viagem, de que tinha 50 fregueses no Curuçá e mais 63 abaixo da boca deste rio. No Curuçá ele tinha parado em 51 colocações (se incluirmos o posto indígena como uma delas). No Javari só paramos em 7. Mas a maioria deveria estar no rio Irari, que não visitei.

Produtos e mercadorias

Na nomenclatura da região, aquilo que o regatão vai buscar é chamado de “produto”, resultante da atividade extrativa, sobretudo borracha e madeira. O que ele adianta ou leva para dar em troca é a “mercadoria”.

Na época desta viagem, o que José Filó mais adquiria era borracha, fosse sob a forma de pélas ou de sernambi. Mas comprou também couros de gato maracajá, garrafas de cachaça vazias, bananas, piraíba, pirarucu, couro de jacaré, couro de lontra, carne de anta salgada, tracajá, tartaruga, galinhas.

Por outro lado, vendia latas de sardinha, óleo de cozinha, leite em pó, leite condensado, Nescau, pacotes de bolachas, feijão, macarrão, farinha, açúcar, balas (bombons), caramelos, cachaça, vinho, bananas, ananases, panelas, papel higiênico, querosene, camisas, calças, sandálias havaianas, chapéus de palha, botas de borracha, guarda-chuvas, tecidos, pano para mosquiteiro, zíper, agulhas, carretéis de linha, chumbo, cartuchos, anzóis, ponta de arpão, fio de nylon, canoas, penicilina, Trás-Zás (para dor de dentes), Anador, remédios, talco, loções, espelhos pequenos, velas, maços de cigarro, fumo, potassa.

Nem tudo o que o regatão vendia subia o rio desde as cidades próximas da confluência do Javari com o Solimões: Tabatinga, Benjamin Constant, a colombiana Letícia. Atalaia do Norte, parte desta constelação urbana e sede do município que compreendia quase toda a banda oriental da bacia do Javari (a ocidental é peruana), era muito pequena e não tinha comércio capaz de abastecer regatões. Suponho que a base comercial do regatão fosse Benjamin Constant. Nem tudo que comprava José Filó levava para a cidade, mas vendia ao longo do trajeto. Os potes de cerâmica, bananas e ananases tinha comprado aos marubos no ponto mais alto de seu percurso e eram vendidos ao longo do mesmo. Deles talvez também comprara a carne de caça salgada, que provavelmente não iria vender no caminho, mas nas cidades de baixo. Os preços dos artigos também

subiam à medida que se afastavam de seu ponto de origem, mesmo quando se deslocavam de montante para jusante. Havia também quem lhe fazia encomendas: ouvi alguém lhe pedir um moinho de café; outro, um gravador; um terceiro queria um rádio. O peixe piraíba era destinado a Letícia, pois só os colombianos o comiam.

Mesmo aqueles que não estivessem em seringal de que o regatão fosse o dono ou arrendatário e nem tinham dívidas a saldar com ele, feitos os cálculos, podiam achar mais vantajoso vender seu produto diretamente a ele do que descer até Benjamin Constant para fazê-lo. Ainda no PIA Curuçá, o marubo Aurélio queria mandar seu cunhado Maurício para vender sua borracha em Benjamin Constant. O chefe do Posto dissuadiu-o, explicando-lhe que iria ganhar uns 2 cruzeiros a mais por quilo, mas, em compensação, Maurício, na espera para voltar, gastaria toda a sua parte em comida e hospedagem. Parece que Santiago (que chegara com o regatão) também falou com ele sobre as dificuldades que passou na cidade, pois a FUNAI só dava alimento aos que iam doentes. Aurélio então resolveu vender a José Filó.

Os fregueses também podiam escolher entre serem pagos em mercadorias ou em dinheiro. No início do terceiro dia de viagem soube que José Filó pagava 22 cruzeiros, em dinheiro, pelo quilo de borracha; mas 23 se fosse a troco de mercadorias. Na última colocação em que paramos no mesmo dia, o seringueiro lhe entregou uma péla de 23 quilos e mais 4 quilos de sernambi, recebendo 400 cruzeiros em dinheiro. Mas comprou dois pacotes de bolachas a 24 cruzeiros cada e uma garrafa de cachaça a 30 cruzeiros. No dia seguinte o regatão comentou que havia gente que não vendia seus produtos se não fosse a dinheiro. Quando isso acontecia, ele pagava a dinheiro. Mas logo a pessoa começava a comprar às vezes mais do que a quantia que havia recebido.

Ainda no primeiro dia de viagem, José Filó informou que borracha verde tinha um desconto de 25%. Aquela um pouco mais seca, 15%. A borracha só deixava de “tarar”, se pesada um dia após ser laminada, quando teria perdido toda a água. Assim, José Filó tinha de manter anotações da borracha bruta que havia comprado, da “tarada”, do preço que pagara, para averiguar se lucrara ou não na revenda. Às vezes a borracha tinha muita água e ele perdia na revenda, tal como se tivesse comprado a dinheiro e não a troco de mercadorias.

Lembro-me que José Filó tinha uma pequenina calculadora eletrônica em que fazia as contas diante de cada freguês, mas sempre tendo o cuidado de conferir depois o cálculo na ponta do lápis em seu caderno.

Na primeira colocação a que chegamos no dia 14 de setembro, José Filó calculava que já estava de posse de 2.300 quilos de borracha “tarados”. Suponho que incluíam também a borracha que possivelmente tivesse embarcado na subida do rio. Mas é possível que evitasse embarques na subida, pois o rio mal dava sinais de começar a encher. No primeiro dia de viagem, o barco tocou e deslizou sobre um tronco submerso, que obrigou a uma parada mais adiante para recolocar um parafuso. Talvez tivesse aliviado o barco de algum peso na subida, pois abaixo do igarapé João Marcos, na colocação do Artemiro, ele voltou a rebocar uma canoa grande que aí deixara, embarcou mantas de pirarucu e piraíba e 24 paneiros de farinha.

Para os empresários envolvidos na extração de produtos florestais e no comércio fluvial tinha especial importância o financiamento do Banco da Amazônia (BASA), com agência, se bem me recordo, em Benjamin Constant. Disse José Filó que primeiro o financiamento do BASA era proporcional à produção do financiado. Depois passou a ser proporcional ao número de trabalhadores do financiado. Mas agora iria ser proporcional à produção do lote (isto é, seringal) em nome do qual saísse o financiamento. O fiscal saía

três vezes por ano para inspecionar. Só a fórmula mais antiga era vantajosa para José Filó. O BASA esperava ou calculava que cada seringueiro produzisse 300 (ou 500?) quilos de borracha por safra.

Cortesias entre o regatão e os fregueses

Nem tudo era estritamente computado monetariamente como dívida e saldo nas transações entre o regatão e os fregueses. Havia favores, cortesias, de parte a parte, que não deixavam de ser consideradas e retribuídas.

Já disse do seringueiro que, apesar de estar em seringal arrendado por Magalhães, sentia-se na obrigação de vender alguma borracha a José Filó porque este arranjava remédio para um menino seu. Durante a noite que encerrava o primeiro dia de viagem, quando o barco estava amarrado a uma orana, mas mantido afastado da margem, para pernoite, o regatão foi procurado por três homens da última colocação que tinha visitado, que lhe pediam para levar duas cartas. Noutra colocação, um homem a quem José Filó pediu para comprar meia dúzia de peixes, do feixe que acabara de trazer da pesca, deu-os gratuitamente, recebendo do regatão um punhado de balas ou caramelos para seus filhos. Numa outra, um rapaz deu um nhambu que matara ao regatão, ganhando um cartucho em recompensa. Em um outro local, um seringueiro lhe deu dois pacus, que José Filó retribuiu com um punhado de bolachas.

José Filó, já no fim da viagem, me contou duas histórias de fregueses a quem confiou mercadorias enquanto estavam doentes, mas que depois lhe pagaram tudo, um com borracha, outro com o salário que obtinha do emprego que posteriormente conseguiu. Outros regatões evitavam o porto de um desses doentes. Um dos doentes, aquele que depois conseguiu um emprego, até tinha brigado com ele, mas mesmo assim ele o auxiliou e o levou para a cidade e aí lhe deu manutenção.

Outra ajuda que o regatão pode dar a seus fregueses é rebocar suas canoas, sobretudo rio acima. José Filó chegou ao PIA Curuçá puxando a canoa em que vinham Mapará (um culina-pano) e sua família. Ainda trazia como passageiros o marubo Lauro e um branco casado entre os marubos, Santiago.

A mulher grávida de um seringueiro de uma colocação pouco abaixo da foz do Pardo iria com o gerente Amazonas para dar à luz em Benjamin Constant.

Infelizmente não tomei notas relativas a uma impressão que me ficou de um possível rito de recepção do regatão pelo freguês, talvez com base no que aconteceu em apenas um porto, ou em alguns, ou na soma de detalhes observados em diferentes colocações: a demora do seringueiro em aparecer no alto do barranco depois de atracado o barco, apesar do barulhento motor que naqueles ermos podia ser ouvido de muito longe; a descida vagarosa pelo barranco; os cumprimentos e a conversa antes de tratar das transações; e o pedido, enquanto conversava, de que o regatão mandasse os “marinheiros” subirem para buscar a péla.

Relações entre regatões

Apesar da disputa de fregueses e das opiniões nem sempre favoráveis que uns tinham dos outros, havia também entre regatões demonstrações de confiança e solidariedade nos momentos de necessidade.

Pouco acima do igarapé do Maia, paramos na colocação onde a embarcação do regatão Zagúri tinha ido a pique. Já tinha sido tirada do fundo. Zagúri entrou chorando no

barco de José Filó para contar-lhe o sucedido. Este, na subida seguinte, iria lhe trazer “bronze” para o motor, o que não sei absolutamente do que se trata.

Nossa viagem com José Filó terminou no seringal Santo Eusébio, onde Alcino tinha sua casa junto à de sua mãe. Sua irmã morava do outro lado do rio Javari, na margem peruana. Continuaríamos a viagem de descida no dia seguinte, no motor de Alcino, que fretamos. Nessa noite Alcino foi buscar, junto com Valdeci, a borracha de um freguês de um lago próximo de sua casa. De manhã ele vendeu esta e toda a outra borracha que tinha, que conseguira sobretudo no Curuçá, a José Filó, por mais ou menos 19 mil cruzeiros. Assim poderia pagar logo os 15 mil de compras que fizera ao Magalhães. Durante a viagem explicou-me Alcino que, embora Assis pagasse mais, preferia vender a José Filó, porque este lhe emprestara dinheiro para pagar o motor, uma dívida que já saldara, mas esperava dele um empréstimo de 22 mil para comprar casa no Marco (local entre Tabatinga e Letícia, onde se ergue o marco sobre a linha da fronteira Brasil–Colômbia). O casco da embarcação, ele o comprara de Magalhães por 20 mil cruzeiros e já pagara. Magalhães revendia cascos feitos no rio Negro, perto de Manaus. Ainda explicou Alcino que preferia vender a borracha a José Filó, ao invés de fazê-lo em Benjamin Constant, porque aí ela era classificada em categorias, cada qual com um preço diferente, enquanto Filó comprava tudo pelo mesmo preço.

As trajetórias de vida dos comerciantes e de suas relações entre si eram bem conhecidas uns dos outros. Já no primeiro dia de viagem José Filó nos contou que Vítor Magalhães começou como aviado de um aviado seu (diria mais adiante que este era o já falecido Newton Caldas). Era um seringueiro ou madeireiro muito trabalhador. Foi melhorando. Fez sociedade com Deusdêti. A falência dessa sociedade não o atingiu. Agora tinha serraria, fornecia mercadorias a boa parte dos comerciantes de Benjamin Constant, tinha 300 cabeças de gado. Tinha 200 empregados, por certo na serraria. Fazia criação de jacarés, tracajás e peixes em açudes, numa área que estava cheia de ticunas. Embora ele fosse muito amigo dos funcionários da FUNAI, parecia que iria perdê-la. Um rapaz muito conversador que iríamos encontrar mais abaixo confirmou a origem humilde do comerciante, dizendo que, quando era menino, conhecera Vítor e Amor Magalhães tirando seringa.

Fragmentos folclóricos

Ao longo da viagem ouvi casos, observei um ou outro cuidado, relativos a crenças, costumes, representações, todos certamente já conhecidos dos pesquisadores que se dedicam ao estudo das tradições amazônicas.

No segundo dia de viagem, José Filó falou-nos de um vegetal, chamado jaracatiá que, a julgar pela sua descrição, seria o mesmo *waki* dos marubos, que o derrubam para que em seu tronco apodrecido se desenvolvam larvas que eles consomem. José Filó contou que os peruanos e mesmo os brasileiros também as comem. Uma peruana uma vez preparou para ele. Primeiro deu uma fervura e depois tirou a cabeça e um fio de cada larva. Carlos Everaldo Coimbra Jr. (1984, pp. 37-40) registrou o uso destas larvas na alimentação dos índios suruí (paiteir) de Rondônia, identificando-as como pertencentes ao curculionídeo *Rhynchophorus palmarum*.

Ao findar esse dia, para pernoitarmos, o barco foi amarrado longe das duas margens. Como Delvair perguntasse a respeito dos sapos que estavam coaxando, acabamos sabendo, de um dos auxiliares, Valdeci ou Raimundo, não anotei qual deles, que o *kāpo* (ele não sabia esta palavra e talvez nem soubesse que os marubos o usassem) vem a ser o sapo bacororó, pois é assim que grita: bacororo-o-o-ó! José Filó então contou que certa

vez estava tirando folha, não anotei de que, com umas pessoas. Uma delas, Noroña, que veio a ser prefeito de Iquitos, pegou um sapo, pediu a José Filó para segurar o cachorro e fez ele morder o sapo. Era o sapo de que estávamos tratando e José Filó sabia que era verde, mas não sabia o nome dele. O cachorro esscarrou, se peidou todo. Então José Filó riu. E o peruano se zangou porque ele riu, pois o cachorro ficaria mentiroso, latiria sem motivo.

Então o mesmo auxiliar do regatão disse que já tinha experimentado o sapo. Quando era um menino grande, ele, seus irmãos e irmãs, que ouviam falar do sapo, resolveram experimentar. Disse que se põe um palito de fósforo em pé no braço, e se deixa queimar até tocá-lo, ou se encosta a brasa do fósforo no braço. Aí se tira a pele da queimadura e se esfrega o ombro do sapo. Eles fizeram assim e começaram a vomitar. Vomitaram tanto que começou a sair verde. A mãe deles os alertou que, se não fossem tomar banho, continuariam a vomitar até morrer. Eles tomaram banho. Ainda deram o sapo para o cachorro cheirar e ele também começou a passar mal. Jogaram o cachorro dentro d'água e ele ficou bom.

José Filó ainda disse que os peruanos também aplicam esse “leite” de sapo em gente, queimando a pele com cipó títica. Entre outras coisas, é para fraqueza. Tanto José Filó como seu auxiliar referiam-se à secreção do sapo como “purgante”.

O uso da secreção do bacororó ou *kãpo* (na língua marubo), ou seja, da perereca *Phyllomedusa bicolor*, foi registrado por diferentes pesquisadores em vários pontos do sudoeste da Amazônia. Uma das referências mais antigas de sua utilização, no caso pelos ticunas do alto Solimões, é a do zoólogo do Museu Nacional José Cândido de Melo Carvalho (1955, p. 15). Mas atualmente os catuquinas-panos, do Acre, reivindicam o reconhecimento deste saber como seu.

José Filó também falou no remédio do leite da gameleira, que entre outros usos serve para barriga d'água. Quem o toma tem de fazer dieta por nove dias, comendo só galinha assada sem sal e farinha com água. Se não fizer isso, morre. Seu sogro morreu porque comeu pirarucu depois de tomar leite de gameleira, não respeitando os nove dias.

Depois de comentar que não se comia carne de boto, mas no futuro ainda se iria comer, José Filó contou um caso. Em Caiçara (atual Alvarães), no fundo de um lago, perto de Tefé, apareciam nos bailes dois rapazes que ninguém conhecia e que se retiravam antes da festa terminar. Querendo saber quem eram, o pessoal resolveu dar um porre nos rapazes. E de fato os fizeram beber muito. Antes de terminar a festa eles desapareceram. No dia seguinte havia dois botos boiando no lago. Naquele lago não havia boto e nem passagem para eles passarem do rio para o lago. E no outro dia os botos desapareceram. Achava José Filó que os botos, bêbedos, tinham errado o caminho do rio e foram para o lago. Temos aqui mais uma manifestação das crenças referentes ao boto, difundidas por toda a Amazônia, da qual Eduardo Galvão (1955) cita vários exemplos no capítulo 4 de seu livro *Santos e Visagens*, referente a uma comunidade do baixo curso do rio Amazonas.

Ao contrário do Solimões, percorrido em vários séculos por conquistadores, missionários, naturalistas, que deixaram informações sobre o que viram e ouviram, o Javari e seus afluentes só começaram a ser penetrados por colonizadores na segunda metade do século XIX. As crônicas de viagem a eles referentes são poucas e mais recentes. Considerando que os regatões seriam grandes conhecedores desses rios, faltando-lhes apenas escrever o que sabiam, comecei a estimular José Filó a contar histórias, casos ocorridos no rio que estávamos percorrendo, mas ele não entendeu bem o que eu lhe pedia e narrou dois contos de fadas de origem européia.

No dia seguinte, falou-me sobre cobras. O homem mordido por cobra não pode beber água por 24 horas, porque é fria. Não come peixes de couro porque são reimosos. Não deve ser visto por mulher grávida até falar primeiro com ela, por trás. Não deve ser visto por pessoa de olho mau. Aliás, José Filó, um ou dois dias antes, havia dito que o “ofendido” de cobra não devia ouvir indivíduos de maus olhos por quarenta dias. E contou casos, uns três, de pessoas ofendidas de cobra que, só por ouvirem a voz de certas outras, morreram. Já estavam sem sentir mais nada, ouviram a voz, começaram a passar mal e morreram. E completou José Filó que, por isso, ele não gostava de visitar ninguém mordido por cobra.

Sobre o igarapé João Marcos, pelo qual passamos na manhã de 10 de setembro, Raimundo, o motorista, contou que tem o nome de alguém que ali morou e que foi assassinado por seus empregados. José Filó também me contara, num dia anterior, que um regatão judeu foi assassinado por um homem porque se negava a negociar com este. Ao invés de lhe dizer que era seu patrão, também judeu, que o proibia de fazê-lo, o regatão simplesmente se negava a atendê-lo. Aquele que o assassinou não podia mais dormir porque dizia que o morto lhe aparecia. E, para se livrar das aparições, foi dormir ao lado da sepultura de um “anjinho”, se me lembro, afilhado seu.

Na colocação de Artemiro, no trecho entre as fozes dos igarapés João Marcos e Flecheira, estava um homem que tínhamos visto mais acima, que veio rezar um menino que estava com “ventre caído”. Ele explicou que isto significa que a moleira da criança está mole e a barriga fofa. Mas disse que não era nada de grave.

Ainda na mesma colocação, José Filó contou que antigamente os donos de seringal costumavam enterrar dinheiro em metal. Mas quem enterra dinheiro, se passarem três sextas-feiras, já não será ele que desenterrará. Talvez seja desenterrado por uma pessoa que sonhar com o tesouro e o desencavar sem ambição.

Artemiro comprou do regatão, entre outras coisas, dez pacotes de seis velas cada um, para pagar uma promessa de vinte pacotes (uma caixa). Quando viu o tamanho das velas, se queixou de que agora estavam roubando até dos santos.

Ultrapassada essa colocação, encontramos o motor do Carlota, que subia o rio, levando uma família para o rio Pardo, onde iria extrair madeira. Um pau lhe havia furado o casco e a embarcação quase tinha ido a pique. Eles estavam levando a ponta do pau para queimar no fim da viagem. Infelizmente não anotei o porquê deste cuidado.

Mais abaixo, quando percorríamos o seringal São Bento, José Filó contou que uma vez, às 11 horas da manhã, numa curva pela qual já passáramos, viu um motor que vinha na direção oposta, que parecia o do Carlota, subindo. O motor apontou na curva e se escondeu na concavidade oposta. Quando José Filó passou ali não o viu mais. Ele ficou dois dias pensando nisso. E não veio nenhum banzeiro do qual o motor parecia estar se escondendo. Também contou caso semelhante em que ele e outros viram um motor da Petrobrás todo iluminado, e que desapareceu. E não veio o banzeiro. Nas duas histórias fez referência ao banzeiro. Temos aqui um exemplo da visão do navio encantado, que é uma das formas que pode tomar a cobra grande, outra crença pan-amazônica de que Eduardo Galvão trata no seu já referido capítulo.

À tardinha do último dia de viagem, dois rapazes, cantando, um deles ao violão, de uma lancha que descia, rebocando samaúma e outra madeira, vieram em canoa até o barco de José Filó para comprar uma garrafa de cachaça e uma agulha. José Filó não quis entregar a agulha ao rapaz e fez com que este mesmo a tirasse do pacote. Ele chegou a dizer porque assim agia, mas eu de novo falhei, esquecendo de fazer a anotação.

Num dia da viagem lembrei-me de que vira à venda, numa farmácia improvisada de Itajacá, núcleo urbano junto à terra dos craôs, no norte do Tocantins (então ainda Goiás), remédios como Específico Pessoa, Pílulas contra Estupor e Elixir dos Quatro Humores, oriundos de pequenos laboratórios do Nordeste. Talvez pensando em levar alguma coisa curiosa para meu colega Martín Ibáñez-Novion (já falecido), que se dedicava à Antropologia da Saúde, perguntei por eles a José Filó. E ele tinha as Pílulas contra Estupor. Infelizmente elas não estavam dentro de um vidrinho com um rótulo que as identificasse, mas envolvidas em papel de embrulho, e por isso me desinteressei em comprá-las.

Duas curiosidades. Ao anoitecer do dia 11 de setembro, abaixo do igarapé Esperança, passamos por um trecho do rio chamado Remanso do Sovaco da Cachorra. E mais abaixo, perto da meia-noite, gastamos 35 minutos para percorrer um meandro, ou seja para voltarmos quase ao mesmo ponto de onde saíramos.

Índios

Se conferirmos no mapa o percurso que fiz com o regatão, notaremos que ele parte do interior da atual Terra Indígena do Vale do Javari no seu trecho inicial (do PIA Curuçá até a foz do rio Pardo) e depois (até o seringal de Santo Eusébio) a bordeja pelo oeste e pelo norte. Não é de estranhar, por conseguinte, que a conversa com o regatão e com os seringueiros vez por outra incidisse sobre fatos ocorridos com índios.

Assim, após passarmos pelo igarapé João Marcos, possivelmente habitado por culinapanos, José Filó contou que em Lameirão (uma terra indígena que margeia o Javari, abaixo no trecho que percorri com o regatão) morava Dona Noêmia, vivendo com os maiorunas (matsés) que a haviam raptado. Mais adiante eu ouviria que ela foi raptada no igarapé Três Bocas, no Javari. Ainda ouvi referências a Dona Noêmia num outro caso, contado no local onde havia um apanhador de jacarés vivos a serviço do Magalhães. Ouvi que ali, 15 anos antes, na margem esquerda, os índios mataram um homem chamado Américo. Deviam de ser do igarapé Pedro Lopes e teriam ido para o Estirão (do Equador, guarnição militar brasileira na fronteira). Já havia índios do Pedro Lopes no Estirão e eles teriam ido juntar-se a eles. Havia um varadouro do local em que estávamos para o Estirão. O pescador também presente naquele local, Cláudio Silva, contou que o homem que morrera ali tinha uma certa culpa, pois já tinha matado um índio. Contou também que andara por esses rios sempre de arma na mão. Se os índios punham espinhos, ele contornava, não desmanchava. Noêmia, que estava entre os índios, pedia-lhes para não atirarem nele. Oferecia-se para falar com ele, mas quando ia falar os índios a puxavam, tremendo de medo. Os índios lhe disseram que não atiravam nele com medo de errar e serem por sua vez baleados por ele. Sobre o igarapé Pedro Lopes, ao passarmos diante de sua foz, José Filó comentou que ali havia capoeira de índios. O mapa mostra que as cabeceiras de um tributário do Pedro Lopes se aproximam do Todos os Santos, e este desemboca próximo do São Salvador. Esses igarapés, abaixo e acima do cotovelo do rio Curuçá que se projeta para ocidente, delineiam o recanto que seria habitado pelos culinapanos. Raimundo, o motorista, contou que morou no igarapé João Marcos (não traçado no mapa, entre o Todos os Santos e o Pedro Lopes). Aí apareciam os índios da tribo do Mapará (um culina-pano que morava no PIA Curuçá). Uns tinham tatuagem dos lábios às orelhas, outros não. Uns tinham brincos, outros não. Tinham colares, mas não bandoleiras ou pulseiras. Mapará saiu do grupo para os civilizados do tamanho do Bico (talvez o apelido do menino que fazia parte da tripulação do barco).

José Filó contou também sobre uma mulher roubada pelos maiorunas que agora vivia com o pai em Benjamin Constant. Aliás, naquele momento pai e filha estavam no rio Curuçá e eram seus fregueses. A mulher havia trazido o marido maioruna para a casa do pai em Benjamin. Como o índio não fazia nada, um dia o sogro mandou que capinasse o quintal. Ele não gostou, saiu só com uma faquinha e foi para o igarapé Lobo (no alto Javari). Essa mulher se chamava Ângela; seu pai, Tiano Lucas. A criança que teve com o índio morreu. Em outro ponto do percurso, ele iria acrescentar que ela foi raptada no seringal Miraflor, no igarapé Santana, afluente do Javari. De fato, mais abaixo encontraríamos esta mulher naquela colocação em que Gilson, genro de Albertino, arrendatário do seringal São Bento, se propôs assumir a conta dos seringueiros que ali deviam a José Filó. O pai dela, Tiano, era um dos seringueiros. Ela tinha tatuagem no rosto, um risco das orelhas à boca, mas passando por debaixo dos lábios (e não acima, como a dos marubos). Delvair nela notou um orifício para batoque. Tinha um companheiro que ia levá-la a Manaus. Tiano contou que morava ali havia oito anos e que permanecia o ano inteiro no local. Sua filha tinha ficado quatro anos entre os índios e tinha voltado fazia dez anos. Quando os índios vieram para o igarapé Lobo (afluente do Javari no Brasil) é que ela os deixou. Tinha estado primeiro no Choba (afluente do Javari no Peru). Logo que começou a conversar conosco, ela afirmou que preferia ter ficado lá, com os índios, pois já estava acostumada.

O vídeo *Matsés: Eram assim...*, de Delvair Montagner (1996), reúne vários depoimentos sobre a ação dos matsés, inclusive de pessoas raptadas por eles, entre as quais a brasileira Noêmia Salvador de Sousa e a peruana Ângela Huanar. Se a primeira é a mesma Noêmia de quem ouvi as referências acima no barco do regatão, a segunda pareceu-me ser pessoa distinta da Ângela que vi numa colocação do rio Curuçá.

José Filó ainda contou o caso dos índios que levaram duas mulheres, mataram uma ou duas mais e ainda atiraram num homem. O homem não morreu. Seus filhos o arrastaram até o rio. Houve até um incidente com o cônsul peruano em Benjamin, queriam bater nele, porque ele dizia que não havia peruano entre os índios que atacavam. Depois esse homem e o filho foram morar perto de Palmeiras (guarnição militar brasileira de fronteira), que estava em construção. Os índios começaram a aparecer perto da sua casa, mas não faziam nada. Um dia, quando os índios atravessaram o rio, o filho do homem matou seis. Desde então os índios começaram a perseguir o rapaz, vigiando-o. Um dia em que ele saiu para caçar com o pai, o pessoal da casa ouviu dois tiros logo de manhã; pensaram que tinham abatido caça. Mas os homens não voltaram. Seis dias depois foram encontrados mortos, sendo ali mesmo sepultados. Desde então os índios não mataram mais ninguém. Só queriam mesmo matar o rapaz. O motorista do barco disse que esse rapaz se chamava Valdemiro e quem encontrou seu corpo e o do pai foi Eliseu Mota. Mais adiante soube que as mulheres parentas de Valdemiro tinham sido raptadas no igarapé Sacudido e que estavam então morando no igarapé Choba. Ao passarmos pela boca do igarapé Sacudido, José Filó confirmou que o rapto tinha sido ali; elas acompanhavam madeireiros. E havia agora gente trabalhando em madeira ali.

Quanto ao aludido conflito com o cônsul peruano, ele tem a ver com a crença difundida na região de que os ataques de índios eram dirigidos por bandidos brancos que se escondiam entre eles. Numa colocação abaixo do igarapé do Maia, entrou no barco o Bibi (José Roseno de Lima), para descer na sua, que era a seguinte. Disse ter nascido no Itacoá e trabalhado lá 18 anos. Os índios de lá nunca fizeram mal a ninguém; era um cabra sem vergonha que estava ali dentro. Seu sogro foi morto lá, mas por índios do Ituí. Houve crime lá, mataram três, parece, mas não foram índios. O próprio chefe do PIA Curuçá, Bernardo Muller, de apelido Berê, descendente dos alemães de Santa Rita do

Weil, no Solimões, e que numa aproximação tinha sido atacado com um companheiro (Sebastião Bandeira), que foi morto, pelos índios que viriam a ser conhecidos como corubos, “sabia” até os nomes dos três malfeitores que viviam entre eles: Deusdéli, Carrapicho e Manduca Major.

Na noite do penúltimo dia de viagem, José Filó contou que parte dos índios canamaris desceram do alto Itacoaí e foram morar no seu seringal Irari, no tempo em que os índios estavam atacando. A FUNAI pôs os índios do Irari e do alto Itacoaí no São Luís, uma colocação para onde um Freitas levou quatro canamaris do Irari. Muitos não ficaram satisfeitos com São Luís e voltaram para o Irari.

O homem que fora rezar um menino na colocação do Artemiro contou que nasceu no rio Ituí, perto do rio Paraguaçu, onde morou oito anos. Depois morou 22 anos no rio Itacoaí. Esteve em Benjamin, mas como lá está tudo caro, tinha vindo para o alto Curuçá, onde estava havia três anos. Ali sua mulher tinha morrido e ele estava com uns sete filhos. Aparentava ter 50 anos. Contou que naquele tempo os índios do alto Ituí, acima do Paraguaçu, matavam gente, mas só para tirar ferramentas, botões; mas não ficavam com arma de fogo. Mas nunca lhe fizeram nada. Depois até o convidavam para ir a sua maloca.

Contou também que, fazia quatro anos, o Peixinho entrara no igarapé Sacudido para fazer uma “correria” (procurar madeira) e saíra perseguido pelos índios. Havia também índios no igarapé Boa Esperança que visitavam os do igarapé Pedro Lopes e eram por estes visitados. Acrescentou que anos atrás os índios resolveram expulsar os moradores do Curuçá. Mas havia peruanos e brasileiros entre eles: tinham armas de fogo, armas de exército, sapatos. Quem vinha ao Curuçá só tirava madeira branca em tempo das águas, nas margens, e não se aventurava em terra firme. E nem chegavam aos locais em que a terra firme se aproxima das margens.

As repetidas referências ao tempo dos ataques dos índios e à presença de bandidos, não raro qualificados de peruanos, a liderar grupos indígenas que recusavam o contato remontam aos anos 1950. Nessa época a extração de madeira se intensificava na bacia do Javari, penetrando mais profundamente na floresta, onde haviam se refugiado e se reorganizado, após o refluxo dos seringueiros, os grupos indígenas dizimados, fragmentados ou deslocados pelo avanço destes no anterior clímax do ciclo da borracha. Os diferentes interesses econômicos e políticos escamoteados por empresários e de trabalhadores extrativistas na sua interpretação da reação indígena foram analisados por Roberto Cardoso de Oliveira (1964), no capítulo 2 de seu livro *O Índio e o Mundo dos Brancos*, a partir do que ouvira em Benjamin Constant e outros núcleos urbanos próximos, quando a etnografia do Javari ainda não havia começado.

Formas de ocupação

É difícil dizer quantos daqueles que moravam em colocações o faziam de modo permanente. Possivelmente, a maioria era colocada pelos empresários da extração de látex e madeira, e se retirava com o final das atividades. O homem que estava na primeira colocação a que chegamos no dia 9 de setembro disse que já entregara ao Amazonas 800 quilos de borracha produzida por ele e seus dois companheiros. Ele era uma espécie de patrão de seus companheiros: ele é que controlava o seu saldo e mandava o Amazonas fornecer mercadoria. Ele também trabalhava com madeira branca. Quando acabava a safra da borracha e da madeira, voltava para sua casa em Benjamin Constant. Não trabalhava com cedro porque com essa madeira teria de começar mais cedo, quando ainda estava ocupado com a borracha.

Ainda acima da foz do Pardo ficava a colocação de Peixinho, que ali estava só com um companheiro. Sua família estava lá em baixo, em Benjamin Constant ou Atalaia do Norte. Apesar disso, ele tinha galinhas, pois José Filó quis comprá-las, mas ele respondeu que estavam todas chocas, e vimos nas proximidades duas capoeiras e uma roça com os pés de milho ainda baixinhos. As outras referências que ouvi de Peixinho, em outros pontos da viagem, relacionavam-no à extração de madeira. Na colocação de Pantoja ouvi que, como a produção de borracha ali era pouca, Peixinho mandara um homem para cortar madeira no rio Pardo. Já fiz referência à correria, isto é, localização de madeira, que Peixinho fizera quatro anos antes no igarapé Sacudido, tendo sido de lá afugentado pelos índios, como ouvi na colocação de Artemiro. Ou seja, Peixinho não seria um simples madeireiro, mas um funcionário de empresa, certamente a de Magalhães, que dirigia uma turma.

Também na primeira colocação do seringal São Sebastião trabalhavam três irmãos, mas um não viera aquele ano. Faziam farinha. Vi bananeiras e mandioca junto a suas habitações e mais abaixo havia uma clareira com mandioca e outra com milho. José Filó pareceu-me dizer que eles tinham casa no Marco.

Numa colocação abaixo do igarapé do Maia, portanto já bem próxima ao curso do Javari, havia uma casa melhor, com cajueiros e bananeiras; na outra margem, uma pequena roça nova. Disse José Filó que o Sabbá havia tirado 30 bilhões (milhões; Filó ainda não se acostumara à última das sucessivas eliminações de três zeros aplicada à moeda brasileira) de cruzeiros do Banco para aplicar ali, fazer plantio de cedro, mas aplicava em outras coisas. E acrescentou, brincando: “Esta casa custou 30 bilhões de cruzeiros”. A casa ficava numa altura cuja margem parece um paredão natural. Casa de tábuas, com folhas de zinco ou amianto no telhado.

Na segunda colocação abaixo do igarapé Todos os Santos, um dos seringueiros disse que o lugar era bom, embora com muito pium. Mas havia embiara (aves grandes) para caçar. Já na colocação abaixo do rio Pardo, o seringueiro reclamou falta de caça. Era preciso matar quatro quatipurus para fazer uma janta. Uma mulher de uma colocação abaixo do igarapé Flecheiras contou que no verão (estio) que então corria tinham apanhado 8 mil ovos de tracajá. A mulher deixou estragar muitos desses ovos, dizendo que não sabia que não se tira a areia ao salgar. Na sua colocação havia 50 anzóis para tracajá e tinham apanhado 15. José Filó, por sua vez, contou que antigamente trazia 5.000 quilos de pirarucu por viagem; mas agora só conseguia 500.

O início da temporada da extração da madeira se anunciava. E essa atividade implicava numa penetração mais funda na floresta. Além de umas poucas referências aqui e ali sobre sua extração, a ocorrência mais notável que presenciei foi abaixo do igarapé do Maia, quando passou por nós, subindo o rio, uma embarcação com trinta homens. Ela era precedida por um motor de popa em que estava José Gomes (que já trabalhara com Antônio Meneses), aviado de Chico Batista. Aquele alegou que este havia conseguido com o Presidente da FUNAI autorização para trabalhar do igarapé Arrojo ao Amburus, ou seja, acima do PIA Curuçá, logo em área interdita.

Lugar do regatão nos resultados da pesquisa

Apesar de não estar prevista no projeto de pesquisa, a viagem com o regatão não deixava de se prestar ao método de investigação que eu aplicava. De certa maneira eu seguia o procedimento adotado tacitamente pelos pesquisadores com quem eu mais interagía. De um modo geral combinávamos numa mesma investigação tanto o estudo das instituições de uma sociedade indígena como o das suas relações de contato com os

brancos. A realização do primeiro dependia de uma estada prolongada em um ou mais grupos locais do povo em estudo, com a aplicação das técnicas etnográficas tradicionais, como genealogias, censos, conversas informais, participação nas atividades e ritos da comunidade, anotação de mitos etc. Já os dados relativos ao contato interétnico eram obtidos não somente durante a permanência entre os indígenas, mas no longo percurso de ida para alcançá-los, da metrópole aos centros regionais, destes às pequenas cidades, daí aos povoados, depois aos postos indígenas e finalmente às aldeias e malocas, passando do avião ao ônibus ou caminhão, deste ao cavalo ou canoa. E também no percurso de retorno. Ia desde a consulta a bibliotecas, arquivos, sedes administrativas de diferentes órgãos públicos nos centros maiores, passando por conversas com comerciantes, hóspedes de hotel, prefeitos de núcleos urbanos menores, até lavradores, vaqueiros, seringueiros, canoieiros já vizinhos das terras indígenas. Havia muito de aleatório nessa coleta de dados, que poderia ser mais ou menos proveitosa, dependendo da habilidade e diligência do pesquisador. Apareceu-me um regatão; teria outro tipo de dados se fosse um piloto de barco da FUNAI ou um piloto de avião dos missionários.

Mesmo que não tenha sabido ou me esforçado para tirar o máximo dessa oportunidade, a viagem com o regatão me ofereceu algumas noções sobre as relações entre os diferentes agentes envolvidos no sistema de aviamento. Concedeu-me também uma idéia sobre a movimentação das empresas extrativas e seus trabalhadores, bem como dos índios num trecho da bacia do Javari. Essas informações foram somadas às obtidas em conversas com moradores de Benjamin Constant e Atalaia do Norte, inclusive outros regatões. Aproveitei-as na redação do volume *Javari*, que realizei a convite do CEDI (Melatti, 1981). Outros dados tomados na viagem sobre a posição de seringais, complementei-os depois numa etapa seguinte, posterior à redação do referido volume, no escritório do INCRA em Benjamin Constant, o que me possibilitou rascunhá-los sobre um mapa posteriormente simplificado na p. 79 de *Povos Indígenas no Brasil/83*, do mesmo CEDI. E sem dúvida a viagem foi um dos estímulos para examinar a posição de certos marubos como elos da cadeia de aviamento, o que fiz no artigo “Os patrões marubo” (Melatti, 1985).

Referências bibliográficas

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1964. O Índio e o Mundo dos Brancos: Uma interpretação sociológica da situação dos Tukúna. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- CARVALHO, José Cândido de Melo. 1955. *Notas de Viagem ao Javari-Itacoati-Juruá*. Rio de Janeiro: Museu Nacional (Publicações Avulsas, 13).
- COIMBRA JR., Carlos Everaldo. 1984. “Estudos de ecologia humana entre os Suruí do Parque Indígena Aripuanã, Rondônia. 1. O uso de larvas de coleópteros (Bruchidae e Curculionidae) na alimentação”. *Revista Brasileira de Zoologia* 2 (2): 35-47. São Paulo.
- GALVÃO, Eduardo. 1955. *Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Brasiliana, vol. 284).
- MELATTI, Julio Cezar. 1985. “Os Patrões Marubo”. *Anuário Antropológico/83*: 155-198. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFC.
- MELATTI, Julio Cezar (coord. e red.). 1981. *Javari*. Vol. 5 de *Povos Indígenas no Brasil* (Carlos Alberto Ricardo, coord. geral). São Paulo: Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).
- OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. 1975. “São João – Povoado do Rio Negro (1972)”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia*, nº 58. Belém.
- _____. 1981. “A decadência do aviamento num povoado da Amazônia: Notas preliminares”. *Anuário Antropológico/79*: 131-147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/83. *Aconteceu Especial* 14. São Paulo: Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

Referência de vídeo

MONTAGNER, Delvair. 1996. *Matsés: Eram assim...* Brasília: UnB – Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE). Vídeo, 37 min.

Tabela inicial

Lista dos artigos